

O
CARAPUCEIRO

22 DE SETEMBRO
DE 1832



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis,
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardare nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERN. POR J. N. DE MELLO NA TYP. FID., R. DAS FLORES N.º 17. — 1832.

O LUXO NOS ENTERROS, E EXEQUIAS.

Há muitos seculos, que a rasão clama. que a Igreja se queixa, que os Filozofos escrevem contra a louca vaidade dos Funeraes: mas tal he a cegueira dos homens; tanto imperio tem em nós o amor proprio, que queremos merecer cortezias, e respeitos, ainda naquelle ultimo estado, em que a natureza confunde todas as gerarquias, acaba todas as distincções, põe termo a todas as esperanças, tornando-nos ao pó, de que fomos formados. He a vaidade hum vicio bem desprezivel a os olhos da recta rasão; porque o homem, que entra em si mesmo, mais deve horrorisar-se das suas miserias, e fraqueza, do que fazer alardé do seu prestimo, e merecimento.

Mas levar a vaidade além do tumulto, rodear de sedas, de galões, de ricos ornatos hum corpo já inanimado, huma podridão, hum seminario de bixos he o que a rasão não menos, que a Religião muito reprovado, e condemnado. Em verdade o que he o homem em quanto vive? Hum ente racional, que poucas vezes se dirige pela rasão, hum individuo, que se diz o Rei da creação; mas que ao mesmo tempo está sujeito a todas as vicissitudes da athmosfera, que o torneia, a todos os elementos, que hepende de quantas cousas o rodeão, que afronta os mares por huma parte, e por outra não pode tolerar o ferido imperceptivel de hum mosquito. E o que he elle depois de morto? Não he mais homem; nem há em Lingoa alguma vocabulo, que o ca-

trazerem nos primeiros dias he hum
Ao depois hum
que ultimamente

De que serveu pois essas pompas,
essas grandezas, essas vaidades nos
enterramentos, e exequias dos finados?
Se he para as suas almas; estas per-
tencem á Religião, e a Religião detes-
ta, e expressamente condemna, se-
melhantes abusos: se he para honra
do cadaver, este já não a sente, já
não pertence ao mundo, com isto já
se lhe não faz obsequio, em fim diri-
gir zumbaias a hum defuncto he o
mesmo que fazelas a hum pão, ou
a hum pedra.

Além disto se cremos firmemente,
que depois desta vida mortal a nos-
s'alma tem de passar á eterna, e que
esta será feliz, ou desgraçada na ra-
zão das nossas boas, ou más acções;
que póde aproveitar o luxo do enter-
ro a hum morto, se a os mesmos vi-
vos he o luxo sempre prejudicial?
A alma humana, huma vez separada
da materia, que a prendia, já entra
n'outro systema mui' differente; el-
la já não póde ter as mesmas idéas,
nada do mundo a impressiona mais;
e pelos principios da nossa crença só
os suffragios dos vivos, só as obras de
caridade offercidas ao Pai das mise-
ricordias por tenção dos nossos fina-
dos podem servir de lhes minorar as
penas do Purgatorio. A Missa pelo
valor infinito do Sacrificio, do Sacri-
ficador, e da Victima he o maior, o
mais digno de todos os suffragios; as-
sim não houvessem certas especula-
ções mercantiz até sobre este obje-
cto tão sagrado, como adiante expli-
carei.

As preces, as orações, os jejuns

valem muito, e muito mais as esmol-
tas. Ah! quanto melhor fore, que o
cabedal, que se gasta em robes, em
sedas, em armazens de mercaderias nas
exequias de hum rico fosse todo da-
do por s'abala á viuva honesta, e des-
valida, ao orfãozinho desamparado,
ao velho decrepito, e pobre, a mize-
ra donzella para cazar, aos lazaren-
tos, ect. ect.? Mas isto he pratica e
por mui' poucos; por que estas acções
de caridade (alias a mais nobre das
virtudes não dão estrondo, não fal-
taõ á imaginação do Povo, que pa-
ga-se muito de exterioridades; final-
mente os vivos querem bazofiar até
á custa dos mortos.

Muita gente está persuadida, que
deixar de fazer exequias sumptuo-
sas a os seus finados, escandaliza ao
Publico, e dá quebra na sua pessoa.
Hum diz d'aqui — Pois eu hei de en-
terrar a meu pai, como a hum esera-
vo? — Outro diz — Minha mulher não
he nenhuma captiva para ser s'pul-
tada sem pompa alguma —; e por es-
te prejuizo, que se recebe da educação,
vai-se perpetuando o luxo dos enter-
ros, e honras funeraes. Quantas vé-
zes huma Senhora; carregada de fi-
lhos, despende nas exequias de seu
marido todo o diapherinho, que há em
caza, empenha trastes de ouro, e
prata, e além da despeza da moles-
tia de seu defuncto, fica por tal mo-
do arruinada, que no outro dia não
tem com que mande á quitanda, á
taberna, e ao assogue, e os meninos
a berrarem com fome? Pode isto ser
agradavel a Deos, pode isto compa-
decer-se com a boa razão? Entre tan-
to que dirá o mundo? He a sabida,
que dá todos os fatuos, que desper-
dição dinheiro em pompas funebres,

Que me importa (responde o homem assisado) o que dirá o mundo, quando o que eu obro he conforme á razáo, e até ajusta se perfeitamente com o espirito da Religiáo, que professo? A boa fama he cousa estimavel; ella funda se no juizo favoravel, que outros fazem de nós; mas he preciso, que esse juizo assente sobre a verdade, e justiça, he preciso, que aquelle, a quem to los honraõ, seja realmente hum homem de bem. Nos não temos obrigação de satisfazer a os caprixos do vulgo.

O que significa tanto aparato, tanta riqueza para dar á sepultura hum cadaver, a mór parte das vezes já podre; se não vaidade, e mais vaidade? Para que são éssias, que se levantao' ao tecto da Igreja, circulaõdas de tantas luzes, com tanta sobejidaõ de galões etc.? Serao' para adorar os frios restos de hum morto? Os mortos saõ insensiveis a essas decorações. Seraõ para maior gloria de Deos? Deos ama o espirito, ama a pureza, e não' aparatos. Serao' para nutrir a soberbia dos vivos? Isto sim, nem outros saõ os desenhos das pompas funeraes. Nestas tao'bem costumao' entrar os dobres de sinos, chamados sinaes, que de nada aproveitando aos mortos, só servem de affligir, e atormentar a os vivos. Apenas espira hum homem rico, ou dos chamados de consideração', há como hum rebate em quase todas as torres da Cidade: ninguem se intende com a vozaria dos sinos; e ficao' mui' satisfeitos os parentes com essa matinada, que bem se póde chamar suffragio de b' lalo. Entre tanto está huma mulher lutando com as dores do parto; e ouvindo esses telegra-

fos de morte, esmorece, perde as forças, e succumbe; outro esta perigoso; os dobres fallaõ-lhe á imaginação', horriveis idéis atormentaõ-lhe o pensamento, e vem a morrer por causa do luxo funeral hum cidaõ', hum pai de familia, que talvez escapasse.

Hum dos requizitos das enterramentos (se assim me posso exprimir) he haver grande prantina de parentes, e estranhos. Em Portugal há mulheres, que não' servindo já nem para corretoas de Cupido, vivem de carpideiras, isto he: em selles dando luns tantos reis, pranteao' hum defunto, que pairesse, que se funde a caza. Por cá não' temos carpideiras de profissao'; mas não' faltao' certas mulheres de timão, que saõ capazes de chorar incessantemente de pura magoa de quanto defuncto ellas nunca virao', nem conhecerao'. He inegavel, que as Senhoras mulheres saõ mui' faceis em chorar, e algumas há tao' dispostas para isso, que pairesse, tem lagrimas de tarraxa; e hum enterro quanto mais chorado he, maior fama adquire.

Não' poucas vezes acontece, que os herdeiros do finado rico estao' pallando interiormente de alegria com a proxima esperanca do bôlo, que lhes ha de tocar; mas no exterior apparecem lutosos, arrancao' luns suspiros muito forcados, esfregao', e espremem os olhos, que estao' mais secos, do que as unhas, convêm no interramento sumptuoso; por que querem dar hum publico testimonho do seu grande sentimento: mas se bem alhoção' de portas fechadas, melhor ajantao', e céao',

acrescenta-se a doze do almo licor, pai d'alegria, molha-se a palavra repetidas vezes, tomao-se bebedeiras, nas quaes já se tem visto gritar — Viva o defuncto — ; e tudo isto se faz para disfarçar a dor, a mágoa, a saudade d'aquelle, que Deos haja, que era huma boa creatura, principalmente depois que morreo: assim os porcos só se lhes sabe do pezo depois de esquartejados.

A vista de tantas falsas apparencias, de que está cheio o mundo, ninguém se persuada, que esses enterros faustosos, essas exequias dispendiosas são testemunhos de amizade, que os vivos consagrao a os seus defunctos; pelo contrario nada há mais equivoco, do que essas exterioridades: o mesmo sujeito, que naõ porá duvida de dar 200\$ rs. por hum mauzuleo, outros tantos por hum officio de David Peres, etc. etc. para dar realce e pompa ao funeral de seu parente, muitas vezes naõ terá animo de dar huma pataca a hum pobre por alma d'aquelle; e porque? Porque a esmolla naõ grita, naõ estronda, naõ arrebatá os olhos.

Muito se enganao quasi todas as pessoas, que fazem os seus testamentos; porque deixaõ á disposiçaõ de outros o que muito melhor seria executado durante a vida do Testador. Se eu quisesse dizer o que são pela maior parte os Testamenteiros, naõ haveria papel, que me chegasse. He bem raro aquelle, que cumpre fielmente as verbas, e satisfaz a ultima vontade do deslembado defuncto; e por isso bem poucos são os Testamenteiros, que dem conta de si sem renhidas, e mui dilatadas demandas.

A respeito de Legados, e princi-

palmente de Missas isso he huma miseria. Há Escrivães, e Corregedores, que tem dicto mais Missas, do que a mais numerosa Communidade de Frades, em muitos annos: há Testamenteiros de consciencia taõ Anjelica, que se o defuncto deixa por ex. 128\$000 rs. para oito capellas de Missas á esmola de 320 rs. cada huma; elle, que he pontual, manda-as dizer a Lisboa á rasão de 120 rs., que vem a somar a quantia de 48\$000 rs.; e mette em si 80\$, que fica *pro labore*. Eis aqui como até em Missas se fazem especulações. Muito mais acertadamente obraráo aquelles, que em sua vida fizerem as suas disposições, e mandarem celebrar por su'alma as Missas, que poderem, e quizerem; porém felizes só são os que praticarem a virtude; pois estes de nada disto carecem; que morrer na graça de Deos he a maior felicidade, a que pode chegar o homem.

Aqui, por vir a pello, occorre me censurar amargamente huma lei nossa, que infelizmente ainda naõ foi revogada, que vem a ser a decima dos Legados. Deixa hum homem por ex. em seu Testamento 500\$ rs. para ser repartido em esmollas pelos pobres: que acontece em virtude dessa lei miua? O Thezouro tira lhe 50\$ rs. que he a decima, que vem a ser, arrancalos da bôcca do pobre. Que tal? E esta lei foi feita pelos nossos bons Reis, (eraõ todos huns sanctinhos) pelos Lugares Tenentes de Deos, pelas Imagens da Divindade sobre a terra!!!

Finalmente desenganemo-nos, que enterros pomposos são loucas vaidades, que naõ servem a os mortos, nem aproveitaõ a os vivos. Estes, e outros prejuizos são a cauza primaria dos nossos males. He preciso, que as pessoas sensatas incetem a reforma, ralhem muito embora os tollos, cujo numero he infinito, como nos assevera Salamaõ.

Pernambuco; Typ. Fidedigna.